

A CRISTOLOGIA NA CARTA DE Nº 28 DE LEÃO MAGNO

Vital Corbellini

Introdução

A cristologia atual ganha importância pela centralização do mistério salvífico em Jesus, não só pela visão da diversificação de suas naturezas, a humana e a divina, mas também pela unidade da Pessoa do Verbo de Deus. Toda essa fundamentação vem dos primeiros escritores cristãos, os Padres da Igreja, aqueles que iniciaram o estudo da teologia, da cristologia, do mistério trinitário e da interpretação das Sagradas Escrituras. Decorre disso a necessidade da argumentação teológica: beber sempre mais das fontes, sejam elas bíblicas, sejam elas patrísticas, para que ela transmita a verdadeira doutrina cristã.

A carta de número 28, de Leão Magno, foi dirigida a Flaviano, bispo de Constantinopla, para contrariar a doutrina monofisista de Eutiques. Sem dúvida, o assim chamado *Tomus ad Flavianum* consistia na exposição da doutrina cristológica mais importante deste papa do V século¹. Ele pôde esclarecer a fé ortodoxa proveniente dos apóstolos e da tradição, diante das ameaças do monofisismo². A carta será acolhida como expressão da genuína ortodoxia da Igreja, por parte dos Padres conciliares de Calcedônia, o que resultou de uma forma decisiva para a formulação do dogma

¹ A respeito da biografia de Leão Magno poucas são as notícias. Ele governou a Igreja de 440-461. Provavelmente era da Toscana. Alguns estudiosos pensam que a sua família ter-se-ia mudado para Roma, por causa de sua educação e formação. Cf. H.R. DROBNER, *Manual de Patrologia*, Petrópolis: Vozes, 2003, p. 467.

² Cf. L. CASULA, *Leone Magno, Il conflitto tra ortodossia ed eresia nel quinto secolo*, Roma: Tiellemmedia editore, 2002, p. 158.

cristológico desse Concílio³. Estes (os Padres conciliares) teriam dito no Concílio: “Pedro falou pela boca de Leão” (*Petrus per Leonem ita locutus est*)⁴, devido ao seu valor e lógica nos argumentos e a cristologia bem-fundamentada nela contida. Para a superação do monofisismo eutiquiano, ele frisarà os dois “nascimentos” de Jesus, isto é, a dupla consubstancialidade de suas gerações: aquela eterna, divina, proveniente do Pai, e a humana, da mãe, por obra do Espírito Santo. Dessa forma, Cristo pode cumprir o mistério da salvação pelo fato de ser plenamente consubstancial ao Pai e aos seres humanos⁵.

A análise, a seguir, descreve a cristologia leonina do escrito deste papa do V século, constituindo-se em uma carta dogmática, cujo conteúdo apresenta-se de uma forma bem-organizada e articulada⁶.

1. O motivo da carta

Leão Magno queria elaborar uma carta ao seu irmão no episcopado, Flaviano. No entanto, ele não pôde fazê-lo logo, porque tinha poucos dados da polêmica, de modo que ele queria formular bem os seus argumentos e ter maiores detalhes da heresia de Eutiques. Assim, o bispo de Roma estava esperando uma carta daquele bispo; estava admirado de que ela chegara assim tão tarde em suas mãos. Com a sua chegada e leitura, ele conheceu mais em profundidade a heresia, bem como as discussões causadas no Oriente. Desde o início da carta, Eutiques é qualificado como um homem imprudente, despreparado (*multum imprudens et nimis imperitus ostenditur*), em uma analogia clara da Escritura que diz: “Não quis entender, por bem operar. No seu covil meditou a ‘iniquidade’” (Sl 95,4)⁷.

A permanência na tolice é um erro de fé na verdade sobre Deus, pelo fato de que cada pessoa é chamada à sabedoria e ao esclarecimento das coisas. Quem não ama a verdade, cai nas teias da insensatez, tendo como base a si mesmo, porque não realiza nada para seguir a voz dos profetas (*ad propheticas voces*), dos apóstolos e a submissão à autoridade do Evange-

³ Cf. *ibid.*, p. 59.

⁴ ACTA CONCILIORUM OECUMENICORUM, (ACO, II,1,3, p. 274,3). E. SCHWARTZ / J. STRAUB, Berlin 1914ss.

⁵ Para o conceito de consubstancialidade, ver: B. STUDER, “Consubstantialis Patri – Consubstantialis Matri”. Une antithèse christologique chez Léon le Grand”, *REAug* 18 (1972) 87-115.

⁶ Cf. L. CASULA, *Leone Magno, Il conflitto tra ortodossia ed eresia nel quinto secolo*, p. 60.

⁷ Cf. L. MAGNO, *Lettere Dogmatiche*. Traduzione, Introduzione e Note a cura di G. TRETTEL, Roma: Città Nuova Editrice, 1993, p. 77.

lho. Como consequência torna-se mestre do erro, porque não realiza nada para a verdade e assim não procura entender a Pessoa do Verbo encarnado.

2. As duas naturezas de Jesus Cristo

O Papa diz que Eutiques permaneceu na ignorância (*insipientia*) da fé, porque não quis aprofundá-la, do ponto de vista bíblico e da tradição, como bom seguidor de Jesus. Para a superação da mesma ignorância, bastaria a leitura dos primeiros dados da confissão da fé proveniente do Símbolo apostólico. Ali certamente o herético encontraria a verdade, mas ele por certo quis desconhecê-la. Preferiu confiar em si mesmo, nos conceitos fracos de uma sabedoria frágil, sem fundamento, e sem os textos da Sagrada Escritura. O cristão ligado à comunidade eclesial mostra a sua fé, acreditando em Deus Pai onipotente, em Jesus Cristo, único Filho do Pai, o qual nasceu por obra do Espírito Santo da Virgem Maria⁸. Só esses três artigos, segundo o Papa, serviriam para contrariar todos os argumentos dos heréticos (*haereticorum machinae destruuntur*)⁹.

Nessa consideração ligada à profissão de fé, Leão tinha presente não só a heresia eutiquiana, que negava a realidade humana de Jesus, mas também a ariana, que negava a divindade do Filho. Assim ele afirmava que o Filho é coeterno com o Pai. A fé em Deus Pai onipotente está ligada àquela do Filho, por ser da mesma substância, porque ele é Deus de Deus verdadeiro, gerado eternamente pelo eterno Pai (*de aeterno natus est coaeternus*) e não no tempo, não inferior no poder, nem no conhecimento, nem diferente quanto à glória e essência¹⁰. O seu nascimento na temporalidade, por obra do Espírito Santo em Maria, nada tirou de sua geração divina e eterna, mas ele veio para renovar o homem que caíra no pecado. Ele venceu o poder na morte e o seu dominador, Satanás, e o fez em força de sua faculdade divina. Nós nunca seríamos livres do autor do pecado e da morte (*superare peccati e mortis auctorem*), se o Verbo não tomasse sobre si mesmo a natureza humana a ponto de fazê-la sua, passando por todos os seus momentos, fatos e fases. No entanto, para entrar na realidade humana, o

⁸ Cf. L. MAGNO, *Lettere Dogmatiche*, p. 78.

⁹ Cf. *ibid.*, p. 78-79.

¹⁰ Todos esses aspectos eram afirmados no arianismo, uma vez que o Filho era considerado criatura, não-coeterno e nem gerado pelo Pai. Ainda que Ario falasse da geração do Filho pelo Pai, não o desligava da criação; o Filho era criatura única do Pai; todo o resto fora criado pelo Filho pela vontade do Pai. Cf. M. SIMONETTI, "Ario — Arianismo", in *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*, Petrópolis / São Paulo: Vozes, Paulus, 2002, p. 150.

Verbo foi concebido, por obra do Espírito Santo, no seio de Maria, e ela, permanecendo virgem, o deu à luz para salvar o gênero humano. Ainda que Eutiques não tivesse alcançado sua inteligência na fé cristã, ele poderia ter presente em suas argumentações o início do Evangelho de São Mateus, onde se relatam as gerações que precederam a Jesus, como Filho de Davi e Filho de Abraão (cf. Mt 1,1).

Se Leão Magno seguiu as Escrituras contra o herético, justifica-se pelo fato de que estas têm presente o anúncio do Messias. E isso, desde o início, no AT, quando Deus falou a Abraão: “Na tua descendência serão abençoadas todas as gentes” (Gn 12,3; 22,18). O apóstolo Paulo também tem presente esse dado de que as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência (cf. Gl 3,16). Ele deveria ter compreendido a profecia de Isaías que disse: “Eis que a Virgem conceberá no seu seio e nascerá um filho cujo nome é Emanuel que significa ‘Deus conosco’ ” (*nobiscum Deus*) (cf. Is 7,14; Mt 1,13). Do mesmo profeta, o Papa recorda o seguinte aspecto: “Nasceu para nós um menino admirável, conselheiro, Deus potente, príncipe da paz, pai do século futuro” (Is 9,6). Se Eutiques também tivesse presentes esses dados escriturísticos, não teria dito coisas infundadas como aquela segundo a qual Jesus não tomou carne de Maria (*materni corporis*)¹¹. Isso era também o que frisava a doutrina gnóstica doceta, negando a vida futura do corpo humano, a qual esvaziava a encarnação, a redenção e a ressurreição. Dessa forma, alguns autores cristãos anteriores tinham confutado essa doutrina, como Tertuliano e Ireneu de Lião¹².

Leão levantou algumas dúvidas sobre afirmações de Eutiques, aprofundando a sua doutrina, para ver as razões que o levaram à heresia. Tentou ler o seu pensamento e ação. Talvez ele tivesse presente a idéia de que Jesus não seria da natureza humana, sendo um ser diferente de outros homens. Mas isso não o teria conduzido à redenção. Como ele (Jesus) teve uma concepção virginal, obra do Espírito Santo, o herético imaginava, quem sabe, que o concebido não fosse talvez ligado à natureza da mãe, e, portanto, à nossa (*non de natura concipientis fuerit caro concepti*)¹³. Porém, esse nascimento (geração humana) único em seu gênero é a novidade da criação para o bem da natureza humana. Se o Espírito Santo tornou fecunda a Virgem, a realidade do corpo humano de Jesus veio da Virgem Maria, realizando dessa forma a palavra de João: “O Verbo se fez carne e colocou a sua tenda entre nós” (Jo 1,14) (*Verbum caro factum est*) ou mesmo: “A Sabedoria construiu uma casa” (*aedificante sibi Sapientia domum*) (Pr 9,1)¹⁴.

¹¹ Cf. L. MAGNO, *Lettere Dogmatiche*, p. 80.

¹² TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, I-II, Traduzione, Introduzione e Note a cura di C. MICAELLI, Roma: Città Nuova Editrice, 1990; IRENEU DE LIÃO, I,24,5; V,3,3; I,II,III,IV,V *Livros*, São Paulo: Paulus, 1995.

¹³ Cf. L. MAGNO, *Lettere Dogmatiche*, p. 81.

¹⁴ Cf. *ibide*, p. 81.

3. A encarnação do Verbo

O Papa Leão colocou as razões fundamentais da encarnação e a sua finalidade em nossa realidade, a salvação de Deus na humanidade. O Verbo entrou no mundo para salvá-lo de sua condição pecadora e elevá-la até à divindade. Para isso ele descreve essa chegada de Jesus na humanidade. Tendo presentes as duas naturezas em uma única pessoa, a majestade divina apropriou-se da debilidade humana: o eterno assumiu sobre si mesmo o mortal. Para eliminar o débito da nossa culpa, pelo pecado das origens, a natureza divina, sendo impassível, dignou-se assumir a nossa, que é passível. Ela que estava junto do Pai, agora está junto do ser humano. O único e mesmo mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus fez, sim, que, se, por um lado, ele pudesse morrer, de outro, ele não morresse, e por isso não estivesse sujeito à morte¹⁵. Desta forma, Leão diz que o “Deus verdadeiro nasceu em uma natureza íntegra de um homem verdadeiro, com tudo aquilo que lhe pertence enquanto Deus; mas também com tudo aquilo que nos pertence, enquanto homem”¹⁶. Percebe-se nessa consideração a integridade do Verbo na sua humanidade.

Quando a referência é “nossa”, diz Leão Magno, trata-se da assunção da forma de servo, sem a mancha do pecado que está no homem. Assim ele potencializa a natureza humana, sem levar dano à divina; o seu abaixamento o fez de invisível em visível. De Criador e Senhor de todas as realidades quis ser também um entre os mortais, sendo, para isso, condescendente na sua misericórdia. Ele que criara o homem, sendo Deus, fez-se homem na forma de escravo. As propriedades são conservadas numa e noutra realidade, na qual não houve prejuízo para a outra natureza; assim a forma de escravo não tira nada à forma de Deus e essa naquela de servo. A encarnação é a inteireza de Deus na humanidade e a humanidade em Deus.

4. O plano de Deus

Leão Magno fala de um plano de Deus na salvação da humanidade. Esse autor coloca-se na mesma linha dos Padres anteriores, os quais falam da economia, num sentido soteriológico, no qual encerram-se as disposições divinas, decididas na eternidade junto de Deus e realizadas no tempo histórico em vista da salvação humana¹⁷. Instaurou-se uma misteriosa disposição (*dispositio*, a economia) da sua misericórdia em relação a nós, de

¹⁵ Cf. *ibid.*, p. 82.

¹⁶ Cf. *ibid.*, p. 83.

¹⁷ Cf. B. STUDER, “Economia”, in *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*, pp. 442-443.

modo a completar o seu projeto com uma intervenção extraordinária, a presença de Deus na história humana. Ele entrou na realidade humana, assumindo a forma de servo para viver em tudo semelhante a nós, menos no pecado. Dessa forma, o Filho de Deus entra no mundo, no interior das realidades mais humildes, descendo do trono da glória celeste, mas sem abandonar a glória que possui em comum com o Pai¹⁸. Por isso, de invisível que era na sua natureza, tornou-se, na nossa, visível; de incompreensível que era, entrou nos termos limitados. O Deus impassível não desdenhou de tornar-se homem passível, e de imortal foi submisso a todas as leis da morte¹⁹.

A realização do plano salvífico trouxe vida nova para o ser humano, livre do pecado. Com o nascimento de Jesus, há a inauguração de uma nova fase, porque a virgindade de Maria não conheceu concupiscência alguma. Jesus tomou da mãe a natureza humana, de modo que a natureza de Jesus não é diferente da nossa; não deixa de ser extraordinária, porque ela é livre do pecado original, bem como a sua mãe, que o gerou, também goza dessa mesma condição. Aquele que é verdadeiro Deus é também verdadeiro homem; nele há uma recíproca relação na humildade, enquanto homem, e a altura, enquanto Deus²⁰.

As duas naturezas operam na unidade uma na outra, aquela divina, a do Verbo, segundo o que lhe é próprio de seu ser divino, por exemplo, os milagres; naquilo que se refere à natureza humana, segundo o que é próprio da carne, por exemplo, a sujeição dele às ofensas recebidas pelo seu povo. Mas o Filho de Deus permanece único e o mesmo e é, ao mesmo tempo, o Filho do Homem. A referência é dada a Deus, quando se lê no evangelista João: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto a Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1,1), mas também ao ser humano, quando o mesmo evangelista diz: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). É de Deus, quando se diz que tudo foi criado por meio dele (Jo 1,2); é do homem, quando há a afirmação de que ele nasceu de uma mulher (Gl 4,4). O recém-nascido está deitado na humildade de um presépio, mas a sublimidade do Altíssimo encontra testemunhos nas vozes dos anjos (cf. Lc 2,9-14).

Veio para ser batizado por João Batista, para assumir a realidade dos pecadores. Pelo fato de ele ter entrado naquela fila, não é um pecador entre os pecadores, mas aquele que tira dos outros o pecado e, completando toda a justiça divina, aceita o batismo. Por isso mesmo, uma voz do céu disse: “Este é meu Filho predileto no qual coloco a minha complacência” (Mt 3,17). As características das naturezas humana e divina são especificadas: se na primeira ele estava sujeito à fome, sede, cansaço, à exigência do sono; na segunda, a divindade, há referências da multiplicação

¹⁸ Cf. L. MAGNO, *Lettere Dogmatiche*, p. 84.

¹⁹ Cf. *ibide*, p. 85.

²⁰ Cf. *ibide*, p. 85.

dos pães (cf. Jo 6,12), do caminhar sobre as águas (cf. Mt 14,25), do acalmar o mar bravio (cf. Lc 8,24). Dessa forma, é da mesma pessoa, chorar por um amigo morto, mas também a restituição da vida para Lázaro (cf. Jo 11,39).

5. A verdade da natureza humana de Cristo a partir das Escrituras

Esse dado foi de fundamental importância, não só na doutrina dos Padres da Igreja, mas também em Leão Magno. O fato era que os docetas negavam a realidade humana de Jesus. Inácio de Antioquia reforçou as coisas próprias do ser humano em Cristo, sendo que ele nasceu, comeu, bebeu, morreu verdadeiramente e ressuscitou dos mortos²¹. Ireneu de Lião disse: “Se Cristo tivesse assumido outra carne, que não fosse a nossa, ele não teria salvado a humanidade. Ele não teria recapitulado em si o homem e até nem se deveria chamar de carne, aquilo que foi derivado da obra primitiva modelada do limo da terra”²². Na mesma forma, esses dados estão presentes na doutrina de Leão. O Verbo se encarnou dentro de nossa realidade. As duas naturezas, divina e humana, estavam unidas na única Pessoa, o Filho de Deus no Filho do Homem, do qual tomou a carne de Maria. O mesmo Filho de Deus explica aos discípulos que ele é o Filho do Homem (cf. Mt 16,14); e, assumindo a forma de escravo, com um corpo verdadeiro e próprio, ele é também o Cristo, o Filho de Deus vivo (Mt 16,17). Assim, os dois elementos se conjugam para a salvação humana. Leão criticou os heréticos Eutiques e Nestório, no sentido de que eles repensassem a sua doutrina conforme o pensamento da Igreja, para não cair nos mesmos erros de outros heréticos e assim superá-los. Se o primeiro (Eutiques) reconhecia Jesus só como Deus, sem a natureza humana, o segundo (Nestório) percebeu Jesus só como homem e não como Deus: de um lado, é preciso o reconhecimento da sua natureza humana e, de outro, da sua natureza divina.

Leão tem também presente a realidade da ressurreição de Jesus, que, pelas suas manifestações, revelou o corpo verdadeiro que tinha sido crucificado, estava morto e agora estava em outra dimensão de ressuscitado. Ele era ao mesmo tempo Filho do Homem e Filho de Deus. Quando ele aparecia aos discípulos, estando em condição de ressuscitado, não deixava de dizer que eles deviam observar as suas mãos, os seus pés, porque ele tinha um corpo real com carne e ossos (cf. Lc 24,39). Tudo isso levava à confirmação de que as propriedades individuais da natureza humana e divina continuavam a perdurar, de modo que o único Filho de Deus era um e outro, ou seja, Verbo e carne²³.

²¹ Cf. “Inácio aos Tralianos”, 9,1-2, *Padres Apostólicos*, São Paulo: Paulus, 1995.

²² Cf. IRENEU DE LIÃO, V, 14,2. 15.

²³ Cf. L. MAGNO, *Lettere Dogmatiche*, p. 90.

O Papa considera a fé de Eutiques muito débil, fraca, pelo fato de não reconhecer a presença do Unigênito, Filho de Deus na fragilidade da natureza humana e nem na glória da ressurreição, porque Jesus a elevou às alturas. Trata-se de uma doutrina onde se esvazia a nossa salvação, porque, se, em Cristo, não há a natureza humana, ele também não se encarnou, negando-se, dessa forma, o sofrimento dele, pela paixão e morte do corpo na cruz. A fé cristã permanece distorcida, porque tira-se o seu centro, a eucaristia, que é anulada. O seu mistério dado no pão consagrado, o corpo de Cristo pelo Espírito Santo, não ganha o seu devido valor, no sentido da salvação humana, dada na sua morte de cruz. João fala que, do lado aberto de Cristo, causado pela lança do soldado, o qual perfurou o corpo de Jesus, sangue e água jorraram e, por isso, houve o nascimento da Igreja de Deus²⁴.

Leão tem presente a palavra do evangelista João: Jesus veio mediante a água e o sangue, sendo isso atestado pelo Espírito (1Jo 5,5-7). Ele entendia dizer o Espírito de santificação; o sangue da redenção e a água do batismo. Tais realidades não são desligadas, mas unidas umas com as outras, na nossa vida de fé em Cristo Jesus. A Igreja manifesta a sua firmeza na fé na pedra fundamental: Cristo Jesus. Nele não há verdadeira humanidade, sem a divindade, e nem verdadeira divindade, sem a humanidade²⁵.

Leão dizia que a profissão de fé de Eutiques em Jesus era errônea, porque ele afirmava que, antes da encarnação, ele tinha duas naturezas, mas, após a unidade, ele tinha uma só natureza (*Confiteor ex duabus naturis fuisse Dominum nostrum ante adunationem; post adunationem vero unam naturam confiteor*)²⁶. O Papa considerava absurda e perversa essa doutrina, um discurso tolo e blasfemo, bem como aqueles que o apoiaram no Sínodo de Éfeso de 449, no qual ele fora considerado ortodoxo. Leão Magno escreveu a Flaviano essa carta, para que tomasse as devidas providências a respeito do herético, excluindo-o da comunidade; mas ele seria perdoado, caso se retratasse de sua doutrina errônea.

Em tudo seja glorificado Deus em Jesus. Ele é o verdadeiro pastor que ofereceu a sua vida pelas ovelhas, vindo a este mundo (cf. Jo 10,11), para salvar as pessoas, não para condená-las. Ele quer que nós sejamos imitadores da sua misericórdia, de modo que a repreensão com rigor deve acontecer para quem erra, mas também não se afasta da misericórdia quem se corrige do próprio erro da heresia. A sua superação é dada pela defesa da verdadeira fé e pela condenação de posições que antes não eram corretas²⁷ para, assim, unir-se àqueles e àquelas que professam a verdadeira

²⁴ Cf. *ibid.*, p. 91.

²⁵ Cf. *ibid.*, p. 92.

²⁶ Cf. *ibid.*, p. 93.

²⁷ Cf. *ibid.*, p. 94.

fé em Jesus, Filho do Homem e Filho de Deus, o Salvador e Redentor do ser humano.

Conclusão

Leão Magno ganha importância por frisar a realidade do Verbo encarnado, a sua unidade com tudo aquilo que pertence ao ser humano, sem negar a sua natureza divina. A sua cristologia dá razão à dupla realidade em Cristo como divino e humano, como o Salvador da humanidade.

A Carta de nº 28 mostra a vitalidade da cristologia, nos primórdios do cristianismo, mas, sobretudo, nos séculos IV e V, onde os debates sobre a Pessoa de Cristo eram fortes entre os teólogos e o povo em geral. Ela ficará para a história dos dogmas cristológicos, pelo reconhecimento e valorização no Concílio de Calcedônia, de 451. Ela merece toda a consideração e leitura para assim compreender sempre mais o mistério de Jesus Cristo que veio do Pai para a salvação do mundo. O realce em Leão Magno é que soube sintetizar toda a tradição anterior e, com bases bíblicas, fundamentou a pessoa de Jesus Cristo, a sua unidade e a diversidade das naturezas. Toda a cristologia atual ganha sentido pela definição dada no Concílio de Calcedônia, e pelo trabalho fundamental desse Papa que marcou a história eclesial, em um determinado momento crítico do cristianismo e da cristologia.

Vital Corbellini é presbítero da Diocese de Caxias do Sul. Doutorou-se em Teologia e Ciências Patrísticas pelo Instituto Augustinianum (Roma). É professor de História da Igreja Antiga e de Patrologia na FATEO-PUCRS (Porto Alegre). Auxilia também na formação e tem escrito diversos artigos em revistas teológicas.

Endereço: Rua Hugo Luciano Ronca, 2600
95041-200 *Caxias do Sul* – RS
e-mail: vitalcorbellini@yahoo.com.br

Errata

Na nota “Gaston Fessard e a dialética paulina do pagão e do judeu”, no número anterior de nossa revista (pp. 87-102), a figura à p. 93 deveria ter sido assim exibida:

